

O Desenvolvimento e Práticas de Recursos de Capital Social entre Estudantes Brasileiros em Dublin*

The Development and Practices of Social Capital Resources among Brazilian Students in Dublin

*Nivelton Alves de Farias***

1 INTRODUÇÃO

Este artigo explora o desenvolvimento de fontes de capital social entre estudantes brasileiros em Dublin, usando o conceito de capital social como estrutura de análise. Baseia-se nas fontes de capital social de Portes e Sensenbrenner (1993), nomeadamente: introjeções de valor, solidariedade limitada, transações de reciprocidade e confiança executória. A imigração tem um impacto extremamente perturbador, que requer um apoio social especial para os imigrantes à medida que tentam adaptar-se e ajustar-se a novos contextos sociais (HERNANDEZ-PLAZA et al., 2006). Nestas circunstâncias, a vida familiar e comunitária desempenha um papel importante na adaptação e ajustamento do migrante a um novo país (McGRATH, 2010).

Para os estudantes brasileiros na Irlanda, o apoio necessário para sua adaptação virá principalmente das relações não familiares e da própria comunidade brasileira, já que muitos migraram sozinhos. No caso de uma minoria de estudantes, o apoio vem de familiares que vivem na Irlanda. No entanto, os pesquisadores observam que o efeito do capital social dos imigrantes não é necessariamente uniforme nos vários contextos e pode ser moldado pelas relações de gênero e pelos contextos comunitários de envio – ou de recepção (GARIP, 2008, p. 592).

* Tradução do texto original em inglês por José Carlos Pereira.

**Trinity College Dublin, Department of Sociology, Dublin, Ireland.

ORCIDID - <https://orcid.org/0009-0007-8208-3979>

Linkedin - <https://www.linkedin.com/in/dr-nivelton-alves-de-farias-54215550/>

Email address: alvesden@tcd.ie

O número de brasileiros na Irlanda cresceu significativamente desde o início do fluxo migratório e hoje é o sexto maior grupo residente no país (CSO, 2016a; Tabela 1). Por exemplo, em 2002 havia apenas 1.232 cidadãos brasileiros na Irlanda. Em 2006, o seu número cresceu para 4.720. Entre os censos de 2006 e 2011, a população brasileira dobrou de tamanho e seu número ficou em 8.704. O crescimento do número de cidadãos brasileiros continuou e em abril de 2016 o seu número era de 13.640. O número de brasileiros aumentou significativamente em 2022, para 39.556. Além disso, desde 2006, a população brasileira mais que triplicou de tamanho. Os estudantes brasileiros representavam 26,07% (2.270) e 30,84% (4.207) do total da população brasileira na Irlanda em 2011 e 2016, respectivamente (CSO, 2016a). Destes, 60% já tinham obtido um diploma de terceiro nível ou qualificação profissional (ver Tabela 2). Isto apoia a afirmação de que a maioria da segunda onda é composta por profissionais jovens com formação superior (DAL SIN, 2016; DE FARIAS, 2012).

Tabela 1: População brasileira residente na Irlanda por sexo, porte e ano censitário.

Ano do censo	População	Masculino	Feminino
2002	1,232	785	447
2006	4,720	2,888	1,832
2011	8,704	4,408	4,296
2016	13,640	6,373	7,267
2022	39,556	-	-

Fonte: Baseado no prospecto do CSO (2002, 2006, 2011, 2016a, 2022).

Tabela 2: Maior nível de escolaridade alcançado pelos brasileiros no estado em 2016.

Nível educacional	Brasileiros	Estado
Ensino médio inferior, primário, sem educação formal, não declarado	198	4,916
Ensino médio superior, técnico, profissionalizante	377	13,723
Grau de terceiro nível/qualificação, profissional ou ambos	1,588	23,939
Pós-graduação	463	7,807

Fonte: CSO (2016b).

Embora a comunidade brasileira na Irlanda seja considerável, faltam pesquisas em torno dela, especialmente no que diz respeito à migração de estudantes brasileiros (CAWLEY, 2018; DAL SIN, 2016; DE FARIAS, 2012). Em contrapartida, vários estudos foram realizados sobre brasileiros em Gort, uma pequena cidade no condado de Galway, no oeste da Irlanda, com foco nos determinantes da migração e da migração de retorno (DE FARIAS, 2022), capital social e redes (MCGRATH, 2008, 2010; MCGRATH & MURRAY, 2009, 2011), integração (LEAL, 2004, HEALY, 2006, McKEOWN, 2015), identidade étnica (SHERINGHAM, 2009; 2010), remessas (MEHER, 2010) e religiões transnacionais (MEHER, 2011; SHERINGHAM, 2013).

Apesar disso, apenas um pequeno número de estudos se concentrou especificamente nos brasileiros em Dublin (CAWLEY, 2018, DAL SIN, 2016; DE FARIAS, 2012; IOM, 2009). Exemplos desse enfoque podem ser encontrados em Cawley (2018) e Dalsin (2016). Um estudo da OIM (2009) também avaliou os padrões de migração brasileiros e apoiou programas de retorno voluntário na Irlanda, Portugal e Bélgica. Finalmente, de Farias (2012) avaliou o desenvolvimento e as práticas de capital social entre estudantes brasileiros em Dublin – como parte de um projeto de pesquisa de um ano – para um programa de mestrado no Departamento de Sociologia do Trinity College Dublin, do qual os dados deste artigo foram extraídos.

Este artigo busca expandir os estudos atuais sobre a migração brasileira para a Irlanda, particularmente o corpo de literatura relacionada aos brasileiros que vivem em Dublin, explorando como os estudantes brasileiros negociam recursos de capital social ao chegarem à Irlanda. O estudo também procura contribuir para a literatura sobre a migração de estudantes para a Irlanda. Apesar do número significativo de estudantes internacionais que vivem no país (CSO, 2011; 2016), uma quantidade limitada de investigação empírica foi dedicada a esse tópico no próprio país de imigração. Sobre isto, veja, por exemplo, Gilmartin et al. (2016); Pan (2011); Wang e King-O’Riain (2006). Esta lacuna na agenda de investigação é ainda mais evidente no que diz respeito à migração de estudantes de países latino-americanos para a Irlanda (CAWLEY, 2018, DAL SIN, 2016; DE FARIAS, 2012; MARROW, 2012).

O artigo está organizado em cinco seções. A primeira faz uma breve revisão da literatura sobre capital social e a migração brasileira para a Irlanda, apontando lacunas nesse corpo de literatura. A segunda seção discute o referencial teórico que embasa o estudo, enquanto a terceira explica a metodologia e os métodos. A quarta seção apresenta e discute os dados e a quinta oferece considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O artigo baseia-se especificamente nas fontes de capital social de Portes e Sensenbrenner (1993). Estes autores identificam quatro fontes críticas de capital social: introjeções de valor, solidariedade limitada, transações de reciprocidade e confiança executável. O papel do capital social na compreensão dos processos de adaptação e ajuste dos migrantes a novos ambientes culturais, bem como na explicação da coesão social dos migrantes, tem recebido grande atenção nos últimos anos (McGRATH, 2010; REYNOLDS, 2006; CHEONG, 2006). No processo de migração, o capital social é entendido como recursos desenvolvidos e mantidos em redes de relações de amizade e ou de sociabilidades externas ao grupo familiar, mas, também, nas redes de parentesco (ZADEH & AHMAD, 2009).

O capital social dos migrantes é comumente conceituado como recursos de informação ou assistência que os indivíduos obtêm através dos seus laços sociais com migrantes anteriores (GARIP, 2008). Parece que os riscos e custos da migração para potenciais migrantes são minimizados pela sua acessibilidade aos recursos possuídos por migrantes anteriores (McGRATH, 2010; GARIP, 2008). No entanto, debates recentes também destacaram as limitações da aplicação do capital social para questões comunitárias e gestão da diversidade (CHEONG, 2006, p.368). Este autor demonstrou que podem surgir problemas relacionados com a construção de capital social quando se trata de “famílias de certas minorias étnicas ou de novos bairros de imigrantes que podem ter percepções alternativas de capital social e enfrentar restrições diárias na sua vida quotidiana”. ‘

No caso das “introjeções de valor” como fonte de capital social, Portes e Sensenbrenner (1993, p. 1323) sugerem que elas referem-se a características morais das transações econômicas que são guiadas por valores importantes aprendidos durante processos de socialização. Portes (1998) indica que as pessoas podem ajudar instituições de caridade, pagar as suas dívidas e obedecer às regras de trânsito porque se sentem na obrigação de se comportar desta forma. Neste sentido, os valores internalizados que tornam possíveis tais comportamentos são então apropriados por outros como um recurso. Em outras palavras, os detentores do capital social nestas introjeções de valor serão outros membros da comunidade. Em relação a este recurso, tivemos interesse em explorar o desenvolvimento de obrigações morais entre os participantes da nossa pesquisa para com os seus conterrâneos.

A segunda fonte de capital social é conhecida como “solidariedade limitada”, que “se concentra nas circunstâncias situacionais que podem levar ao surgimento de um comportamento orientado para o grupo com princípios, independentemente de quaisquer introjeções iniciais de valor”

(PORTES; SENSENBRENNER, 1993, p. 1324). Em outros termos, as pessoas podem encontrar causas comuns porque estão imersas e enfrentam as mesmas condições de adversidade que as outras. A este respeito, parece que a solidariedade limitada é uma tipologia muito forte de capital social entre as comunidades migrantes. No que tange a este recurso, o nosso estudo, em particular, propõe explorar a dinâmica de grupo na comunidade brasileira, o nível de solidariedade grupal presente e se a solidariedade é mais restrita ou não a círculos menores de amigos.

A terceira fonte de capital social, as transações de reciprocidade, refere-se a relações de doação e recebimento de favores, informações, aprovação e outros itens de valor (PORTES E SENSENBRENNER, 1993). Embora as motivações dos doadores sejam ‘instrumentais’, não há expectativas de reembolso por parte do beneficiário mediante a inserção de ambos os atores num ambiente social comum (PORTES, 1998, p. 8). Os retornos dos doadores podem vir diretamente do grupo como forma de status, honra ou aprovação. Em termos de “transações de reciprocidade”, o presente estudo teve como objetivo descobrir se os estudantes de línguas que ajudaram outros brasileiros também esperavam receber, ou receberam, valores pelos seus serviços e o que receberam pela sua ajuda.

Finalmente, “confiança obrigatória”, como fonte de capital social, significa que os membros individuais de uma rede ou comunidade subordinam o seu desejo atual às expectativas coletivas. McGrath (2010, p.150) argumenta que “a confiança obrigatória ocorre quando os indivíduos cumprem as expectativas do grupo para que possam beneficiar da “boa reputação” dentro do (grupo) mais amplo. Manter uma boa reputação é importante para manter normas mais amplas e obter quaisquer benefícios como resultado.’ No que diz respeito a este último recurso de capital social, este estudo explora até que ponto os indivíduos fazem sacrifícios pelo bem comum, por que o fazem ou não e se os indivíduos são mais fortes do que o grupo como um todo, se vieram para a Irlanda para ficar temporariamente, sem intenções de longo prazo.

3 METODOLOGIA E MÉTODOS

Este artigo é resultado parcial de um projeto de pesquisa sobre o desenvolvimento de recursos de capital social entre estudantes brasileiros de línguas em Dublin, realizado em 2012. Apesar das informações, com as quais trabalhamos, terem sido coletadas há mais de dez anos, elas continuam sendo o único conjunto de dados de seu tipo e, portanto, fornecem uma janela

original e importante de observação da experiência dos migrantes brasileiros na Irlanda. Este estudo qualitativo foi realizado utilizando Metodologia de Estudo de Caso ou “*Case Study Methodology*” (CSM), na sigla em inglês (YIN, 2009, p.18). De acordo com esse autor, um Estudo de Caso é uma investigação empírica acerca de um fenômeno em profundidade e dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são evidentes. Yin (2009) argumenta que, em geral, os Estudos de Caso são o método preferido quando: a) como ou por que as questões estão sendo colocadas; b) o investigador tem pouco controle sobre eventos comportamentais e; c) se concentra em eventos contemporâneos.

O CSM permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real, tais como ciclos de vida individuais e comportamento de pequenos grupos (ibid.). O presente estudo tem como objetivo obter um conhecimento significativo e holístico do desenvolvimento e das práticas de recursos de capital social entre a comunidade estudantil brasileira em Dublin.

As evidências apresentadas a seguir emergem de treze entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes brasileiros residentes em Dublin, sete dos quais não tinham relações sociais anteriores em Dublin, como pode ser verificado na Tabela 3), e seis dos quais tinham relações anteriores em Dublin, como apresentamos na Tabela 4. A idade média dos participantes foi de 28 anos, enquanto suas idades variaram de 24 a 32 anos. O tempo médio de permanência na Irlanda foi de 34 meses, e a sua chegada ao país variou de setembro de 2005 a agosto de 2011. O nível de fala em inglês na chegada era de “iniciante” para dois entrevistados, fundamental para nove deles, e pré-intermediário a intermediário para outros dois. Quanto à formação, todas as pessoas entrevistadas afirmaram possuir ensino de terceiro nível. Isto significa que elas provêm de um contexto socioeconômico diferenciado em relação à maioria da população brasileira.

Todas as entrevistas ocorreram entre março e maio de 2012 na cidade de Dublin. Cada entrevista durou trinta minutos, em média, e foi realizada em português, língua materna dos entrevistados. Embora alguns deles soubessem perfeitamente falar em inglês, outros não possuíam o nível de inglês necessário para o fazer. Diante disso, foi mais fácil explicar as intenções deste estudo em português. Cada entrevista foi gravada com o consentimento dos entrevistados, depois transcrita e traduzida para o inglês. Os dados foram transformados em fragmentos por meio de codificação (SANCHEZ-AYALA, 2012) para identificar os temas-chave. A discussão do artigo emerge desses temas. Todos os primeiros nomes utilizados para identificar os entrevistados são pseudônimos, para proteger os seus respectivos anonimatos.

Tabela 3: Perfil demográfico dos entrevistados, sem relações sociais anteriores à sua chegada na Irlanda

Infor- mantes	Sexo	Idade	Estado civil	Data de chegada	Formação educacional	Nível de inglês na chegada	Nível de inglês no momento da entrevista
Danilo	M	26	Solteiro	Agosto/ 2011	Administração	Fundamental	Pré-avançado
Tadeu	M	31	Solteiro	Outubro/ 2006	Comércio Internacional	Fundamental	Avançado
Vando	M	31	Casado	Outubro/ 2008	Licenciatura em português	Intermediário	Avançado
Paulo	M	30	Solteiro	Março/ 2010	Comércio	Fundamental	Pré-avançado
Natália	F	24	Solteiro	Julho/ 2011	Engenharia Ambiental	Fundamental	Pré-avançado
Mariele	F	24	Solteiro	Junho/ 2011	Engenharia Ambiental	Fundamental	intermediário
Karen	F	31	Solteiro	Março/ 2011	Comércio	Fundamental	Pré-avançado

Fonte: Trabalho de campo, entrevistas realizadas pelo autor

Tabela 4: Perfil demográfico dos entrevistados, com relações sociais anteriores à sua chegada na Irlanda.

Entrevista- dos	Sexo	Idade	Estado civil	Data de chegada	Formação educacional	Nível de inglês na chegada	Nível de inglês no momento da entrevista
Tiago	M	24	Solteiro	Junho/ 2011	Engenheiro	Iniciante	Pré-intermediário
Caio	M	32	Solteiro	Abril/ 2010	Turismo	Fundamental	Pré-avançado
João	M	25	Solteiro	Julho/ 2010	Educação Física	Pré-interme- diário	Avançado
Tania	F	32	Casado	Fevereiro/ 2010	Contabilidade	Iniciante	Pré-intermediário
Paula	F	31	Solteiro	Janeiro/ 2008	Fisioterapia	Fundamental	Avançado
Tamara	F	31	Solteiro	Setembro/ 2005	Educação Física	Fundamental	Avançado

Fonte: Trabalho de campo, entrevistas realizadas pelo autor

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 *Ações impulsionadas por valores internalizados*

Vários temas relacionados à introjeção de valores emergiram dos dados, incluindo questões como moradia, doenças, desemprego, problemas financeiros e emocionais, problemas comunitários e apoio a brasileiros recém-chegados. Os temas dessas introjeções de valor não variaram de acordo com o sexo e a idade dos participantes. Havia poucas evidências que apoiassem diferenças entre aqueles com laços sociais anteriores e aqueles sem laços sociais anteriores, ou de acordo com o tempo de permanência na Irlanda.

No caso analisado por nós, os resultados indicaram que os homens eram mais propensos do que as mulheres a ajudar com apoio financeiro. Todos os participantes que afirmaram ter ajudado alguém com apoio financeiro eram do sexo masculino. Alguns dos que ajudaram alguém com apoio financeiro alegaram que a sua boa vontade foi apropriada pelo destinatário no seu interesse. O depoimento de **Tadeu**, solteiro, 31 anos de idade e que migrou para a Irlanda em 2006, ajuda a entender a questão da ajuda financeira, que apareceu nas entrevistas com os participantes:

Tenho um amigo que sempre pedia dinheiro emprestado. Emprestei dinheiro porque tive vergonha de dizer não, mas teve uma desvantagem porque quanto mais eu emprestava dinheiro, mais liberdade ele tinha para me pedir mais dinheiro [...]. Ele terá que renovar a escola em breve [...], mas dessa vez não poderei ajudá-lo com dinheiro, porque gastei minhas economias na faculdade. Eu não sei o que ele fará. (Tadeu)

Da mesma forma, **Tânia**, uma mulher casada, 32 anos de idade, e que migrou para a Irlanda em 2010, para se juntar ao marido, também afirmou que os seus valores internalizados foram apropriados pelos interesses dos seus amigos:

Sou uma pessoa que não consegue ver um amigo em apuros e não faz nada para ajudar. Tenho uma amiga que quando chegou na Irlanda passou por um choque cultural enorme... não conseguiu emprego, teve dificuldade em aprender inglês e fazer amigos, estava muito debilitada [...]. As pessoas se aproximavam dela para tirar vantagem e isso a deixava deprimida e muito carente. Eu e meu marido sentimos muita pena dela, sentíamos a obrigação

de ajudá-la de alguma forma [...]. Na primeira semana ela dormiu na nossa casa, porque não gostava da casa dos alunos organizada pela escola [...] mas com o passar do tempo, sentimos que ela começou a abusar da nossa boa vontade [...]. No final, ela já queria se mudar para nossa casa. Em outras palavras, ela estava abusando da nossa boa vontade. Não foi fácil, mas mostramos para ela que ela teria que andar com as pernas [...]. Houve um momento em que ela não saiu mais da sala e caiu em profunda depressão. Ela teve que voltar para o Brasil... Até o fim ela teve nosso apoio. (Tânia)

No relato, acima, Tania confirma o ponto de vista de Khawaja e Stallman (2011, p. 204) de que os estudantes internacionais enfrentam uma série de problemas de adaptação, tais como choque cultural, isolamento e solidão, saudades de casa e dificuldades de comunicação/linguagem.

Na comparação entre os dois relatos apresentados, ambas as situações demonstram que os “valores internalizados” foram apropriados “por outros como um recurso” em vistas de seus interesses (PORTES, 1998). O primeiro relato expressa a apropriação como recurso financeiro, pois a boa vontade de Tadeu e sua incapacidade de dizer não fizeram dele uma fonte confiável de dinheiro para o amigo: também demonstra o lado negativo das introjeções de valor, os doadores que se tornam vítimas de abusos, e, também, para os destinatários que não se permitem procurar sozinhos soluções para os seus problemas.

O segundo relato indica que o destinatário apropriou-se da boa vontade de Tânia como um recurso emocional que acabou por transformar-se num recurso financeiro. Tânia e seu marido, inicialmente, só estavam dispostos a ajudar a amiga com apoio emocional, pois ela estava deprimida e precisava muito de amigos e familiares. Porém, com o passar dos dias, seus problemas começaram a tomar conta da vida familiar de Tânia. Esta ainda complementou: “Não foi fácil, mas mostramos-lhe que ela teria de andar com as (próprias) pernas.”

Considerando os dois relatos, podemos ver em ambos os casos o lado negativo do capital social através de “reivindicações excessivas sobre os membros do grupo” e “restrições sobre os membros do grupo” no que tange a “liberdade individual” (LEWICKI e BRINSFIELD, 2009, p.277; PORTES, 1998). Graeff (2009, p.143) sustenta que estas “consequências negativas são, em parte, inerentes a laços especiais” entre as pessoas.

Ao analisar as afirmações relacionadas com as introjeções de valor, o capital social pode ser dividido em dois elementos: primeiro, “a própria relação social que permite aos indivíduos, em situação de dificuldade,

reivindicar acesso aos recursos possuídos pelos seus parceiros (amigos, colegas, parentes etc.) e, segundo, a quantidade e qualidade desses recursos” (PORTES, 1998, p. 4). Em ambos os casos apresentados, os amigos acessaram recursos de capital social através do relacionamento com Tadeu e Tânia. No entanto, existem outras complicações. Portes (1998) sustenta que nas trocas mediadas pelo capital social, a distinção entre a motivação dos destinatários e dos doadores é igualmente importante.

O desejo dos beneficiários de obter acesso a ativos valiosos é facilmente compreensível, mas ‘mais complexas são as motivações dos doadores, que são solicitados a disponibilizar seus ativos sem qualquer retorno imediato. Parece que as motivações de Tadeu e Tania para ajudar seus amigos eram baseadas puramente em obrigação moral. No entanto, Portes (1998, p.6) argumenta que tais motivações são pluralistas e merecem análise porque são os processos centrais que o conceito de capital social busca capturar.

Há evidências para apoiar o fato de que transações de introjeções de valor são mais propensas a acontecer no nível familiar do que no nível comunitário, já que a maioria dos entrevistados mencionou situações no âmbito da família, e apenas um quarto as situou no espaço da comunidade. Todas as situações no nível familiar foram mediadas por relacionamentos sociais, pois os doadores conheciam os destinatários. As nossas constatações vão ao encontro da afirmação de Portes (1998), quando este autor indica que os relacionamentos sociais permitem que os indivíduos reivindiquem acesso a recursos possuídos por seus parentes, conhecidos, pessoas mais próximas do seu núcleo de convivência. No âmbito comunitário, um sexto dos entrevistados afirmou não ter nenhum tipo de amizade com os destinatários, embora se sentissem motivados a ajudá-los. Na citação a seguir, **Vando**, um homem casado, 31 anos de idade, que migrou para a Irlanda em 2008, deixa esse ponto claro:

Pela internet, descobri que um casal brasileiro estava passando por sérias dificuldades, principalmente porque estavam ilegais e não podiam trabalhar. Eles tinham um bebê recém-nascido [...]. Todos os brasileiros foram convidados a fazer doações de dinheiro ou coisas materiais, especialmente para o recém-nascido [...]. Então ajudei financeiramente e, também, com materiais para o recém-nascido [...] materiais que realmente seriam usados. (VANDO)

Surpreendentemente, todos os participantes que ajudaram alguém no âmbito comunitário se referiram ao mesmo sucedido. Este foi o caso de **Karen**, uma mulher solteira, 31 anos de idade, que migrou para a Irlanda em 2011. Ela nos disse que,

Recentemente, a comunidade brasileira se organizou para ajudar um casal brasileiro que estava desempregado e com um filho recém-nascido [...]. Senti a obrigação de cooperar de alguma forma [...]. Fiz um evento de caridade e consegui arrecadar uma boa quantia de dinheiro. (KAREN)

Introjeções de valor também surgiram fora da comunidade brasileira. No entanto, o doador reconheceu ter um relacionamento próximo com o beneficiário. Um exemplo semelhante veio de **Paula**, 31 anos de idade, que migrou para a Irlanda em 2008:

Um colega meu do trabalho teve um grande problema e teve que ser hospitalizado por alguns dias, e a conta do hospital era muito cara para uma pessoa que não podia pagar, então trabalhamos nisso como um grupo. Sinto o dever de ajudar essa pessoa, não só eu, mas também os outros colegas de trabalho se juntaram e ajudaram esse amigo a pagar a conta do hospital. (PAULA)

As situações mais frequentemente mencionadas, relacionadas às introjeções de valor, foram problemas de moradia. Todos os participantes se referiram à situação semelhante, a de ter ajudado um amigo sem lugar para ficar. No entanto, as razões para esses problemas de moradia variaram de problemas financeiros, mudança de casa ou retorno ao Brasil, até chegar em Dublin ou ser despejado. Vejamos a história de **Daniilo**, solteiro, 26 anos de idade, que migrou para a Irlanda em 2011:

Um amigo meu do Brasil estava passando por um sério problema financeiro porque havia perdido o emprego. Acabei de falar com meus colegas de apartamento e todos concordaram que ele poderia dormir na sala de estar por duas semanas, enquanto a situação melhorava. (DANILO)

Em ambientes escolares, introjeções de valor também surgiram. Vejamos outro relato do **Daniilo**:

Consegui meu primeiro emprego em Dublin com a ajuda de alunos da minha escola. Eles estavam me dando dicas como, vá a algum lugar porque eles precisam de pessoas... Eles sabiam que eu estava procurando empregos e que meu dinheiro estava curto. (DANILO)

Isso sugere que introjeções de valor também podem aparecer entre pessoas de outros círculos de convivência, em outros ambientes. No caso de Danilo, embora as pessoas não tivessem laços sociais próximos com ele, elas se sentiam impelidas a ajudar porque ele não tinha emprego e seu dinheiro estava acabando.

Entre os participantes que alegaram ter ajudado alguém com um problema de saúde, um quarto deles estava no círculo familiar e um doze avós estava num círculo mais amplo, comunitário. Nossas constatações sugerem que introjeções de valor relacionadas a problemas de saúde eram mais propensas a ocorrer entre os próprios brasileiros do que entre pessoas de outra nacionalidade. Esta situação foi expressa em apenas um relato. A experiência de **Danilo** ilustra bem isso:

Um amigo meu da escola, que era do Japão, ficou muito doente. Em vez de pedir ajuda, ele desapareceu da escola por alguns dias. Fiquei preocupado e fui até a casa dele perto da escola. Levei remédios e, também, o levei para minha casa para comer comida de verdade. (DANILO)

4.2 Ações emergentes de um comportamento orientado para princípios de grupo

Vários temas relacionados com a solidariedade limitada emergiram das entrevistas com os participantes, como problemas de habitação, imigração, acesso bancário, Personal Public Service Number (PPS) e burocracia fiscal, dificuldades de comunicação, vivências comunitárias, questões de emprego e problemas emocionais. Não é surpreendente que a solidariedade limitada tenha aparecido em vários contextos entre os entrevistados, como explica Marger (2001):

Para os imigrantes [...] a força coletivizadora é um conjunto de adversidades partilhadas que normalmente surgem da experiência de imigração: escassez de informação, problemas cotidianos de habitação e transporte, inépcia linguística, dificuldades financeiras, percepções negativas por parte da sociedade anfitriã e discriminação flagrante ou sutil em diversas esferas da vida social e econômica. (MARGER, 2001, p.440)

Entre os participantes, esses temas de solidariedade limitada não variaram por gênero ou idade. No entanto, parece que a solidariedade limitada variou de acordo com a duração da estadia, pois a maioria dos entrevistados argumentou que a solidariedade limitada entre eles era mais

forte quando chegaram a Dublin. As constatações da pesquisa sugerem que isto está relacionado ao seu pouco conhecimento sobre a cidade nos primeiros meses da sua chegada, assim como não tinham laços sociais.

Ademais, tinham baixos níveis de proficiência em inglês, dificuldades para resolver problemas iniciais importantes, como documentação de imigração, acesso à moradia e empregos. Esta constatação confirma a posição de McGrath (2010). Ao tentar explicar o capital social na comunidade e na família entre pais migrantes brasileiros na Irlanda, ele descobriu que “a ausência de competências linguísticas, distância cultural (e a urgência em resolver problemas iniciais importantes) tornam a solidariedade limitada uma importante estratégia de sobrevivência” entre os migrantes. (McGRATH, 2010, p. 151). No entanto, à medida que a vida avançava e seu conhecimento de Dublin aumentava e seu nível de proficiência em inglês melhorava, parece que a solidariedade limitada entre eles diminuía.

McGrath (2010, p.152) sustenta que a solidariedade limitada não deve ser vista como uma consequência da migração puramente entre brasileiros, pois “ela, junto com o parentesco, derivam da importância do parentesco familiar na cultura brasileira, onde membros de grandes famílias extensas fazem parte do tecido cotidiano de apoio”.

Há relatos que fortalecem a constatação de que, entre os participantes, as transações de solidariedade limitada eram mais propensas a acontecer na esfera doméstica do que na comunitária. A maioria dos entrevistados mencionou situações no ambiente doméstico e apenas uma num espaço mais amplo, comunitário. No entanto, a solidariedade limitada era vista como algo muito forte e comum entre os brasileiros em Dublin. O relato de **Paulo** aponta para essa perspectiva.

Essas situações são muito comuns entre os brasileiros. Quando chegam à Irlanda, não dominam a língua inglesa. Eles precisam de apoio para abrir uma conta bancária, se comunicar na escola ou até mesmo para fazer compras. Então isso acontece todos os dias, [...]. Mas às vezes alguns brasileiros ajudam outros brasileiros por vaidade, apenas para dizer que falam inglês e que podem resolver problemas. Mas na maioria das vezes eles ajudam com boas intenções. (PAULO)

Outros relatos sustentam que a solidariedade limitada variava de acordo com os laços sociais e o nível de inglês. Para aqueles com laços sociais anteriores, os problemas iniciais e os problemas do dia a dia foram atenuados. Os comentários de **Caio**, solteiro, 32 anos de idade, imigrante na Irlanda desde 2010, expressam bem esse tema:

Eu tinha uma pessoa na Irlanda – a irmã da minha namorada – que me ajudou muito. Ela me orientou em todos os passos, desde a imigração até pequenos problemas [...]. Depois de organizar meu visto, comecei a correr atrás dos meus interesses na Irlanda [...] da mesma forma que já ajudei várias pessoas na escola, pessoas que eu não conhecia, dando dicas de como tirar o visto, o número do PPS etc. (CAIO)

Da mesma forma, **Tânia** era dependente do marido. Ela nos diz:

Por causa da minha pouca experiência com a língua inglesa [...] foi ele quem me levou para a imigração, banco e PPS. Mesmo no meu primeiro emprego, ele disse ao meu supervisor para ter paciência comigo porque eu não falava a língua muito bem. (TÂNIA)

Ao comparar as declarações de Caio e Tania, é possível confirmar o que McGrath (2010, p. 152) encontrou entre os brasileiros em Gort. Ele descobriu que para aqueles que seguem os passos dos outros, os custos de negociação de um lugar para morar e a estruturação geral do imóvel foram reduzidos (ibid., p.152).

No entanto, como Portes e Sensenbrenner (1993, p. 1325) apontam, a solidariedade limitada “não surge das introjeções de valores estabelecidos ou de trocas de reciprocidade individuais, mas da reação situacional de uma classe de pessoas (ou grupo) diante de adversidades comuns”.

As descobertas do presente estudo reforçam o ponto de vista de Portes e Sensenbrenner (1993) em relação às trocas de reciprocidade, porque os doadores — neste caso, cunhada e marido — não esperavam retribuição em nome dos destinatários. Por outro lado, as nossas constatações não apoiam o primeiro ponto de Portes e Sensenbrenner (1993), pois as ações dos dois doadores foram motivadas também por introjeções de valores estabelecidos. Em ambos os casos, eles mantêm laços familiares.

Entre aqueles sem laços sociais anteriores e com baixos níveis de inglês, dois temas emergiram. Para aqueles que abordaram os problemas iniciais e cotidianos da vida por si mesmos, inicialmente não havia solidariedade limitada. Mas para aqueles que se agruparam com outras pessoas em diferentes cenários “enfrentando adversidades comuns” para resolver seus problemas iniciais, fortes laços de solidariedade limitada surgiram entre eles (PORTES; SENSENBRENNER, 1993). Isso pode ser visto nas histórias de Mariele e Vando. Na citação a seguir, **Mariele**, solteira, 24 anos idade, que se mudou para a Irlanda em 2011, explica que ela tem que resolver todos os problemas sozinha:

Para ser honesta, eu não conhecia ninguém na Irlanda. Eu vim por meio de uma agência de viagens de intercâmbio. Não foi fácil porque eu tive que resolver todos os problemas sozinha, como visto, banco e PPS. Essa não foi uma tarefa fácil porque eu não falava inglês. De qualquer forma, acabei me perdendo no centro da cidade de Dublin. Mas no final, tudo deu certo. Mas foram meus novos colegas de classe que me ajudaram a encontrar uma casa e um emprego também. (MARIELE)

Por outro lado, o relato de Vando revela o caso de uma pessoa que teve a ajuda de outros estudantes brasileiros em uma situação semelhante:

Lembro-me de uma situação que aconteceu no início da minha história na Irlanda. Encontrei outros brasileiros na minha escola e decidimos morar juntos aqui na Irlanda. Tínhamos apenas duas semanas com uma família anfitriã e precisávamos conseguir uma casa em breve. Descobrimos que a escola tinha um grupo de pessoas que estavam dispostas a alugar uma casa. Alugamos essa casa e estávamos todos morando juntos. Eles consideraram meu nível de inglês melhor do que o deles. Nesse sentido, no início, eu tinha que resolver todos os problemas. Mas com a melhoria do nível do inglês deles, eles aprenderam a se manter de pé. (VANDO)

Para brasileiros sem laços sociais anteriores e com baixos níveis de proficiência em inglês, a solidariedade limitada no ambiente escolar era forte e vital. O entrevistado Vando apontou que ele não só ajudou brasileiros, com nível mais inferior de proficiência em inglês, a resolver problemas de moradia, mas, também, contribuiu com seu capital linguístico para ajudar a resolver problemas menores, como atender chamadas para entrevistas de emprego etc.

No entanto, como Vando afirmou, o nível deles de proficiência em inglês melhorou e eles se tornaram mais independentes. Foi o caso oposto com Mariele, pois mesmo com um baixo nível de proficiência em inglês, ela resolveu todos os problemas iniciais sozinha. No entanto, foi por meio do vínculo social que ela encontrou seu primeiro emprego e acomodação permanente. O capital linguístico desempenhou um papel importante em ambos os casos. No primeiro, foi apropriado por outros em suas atividades, enquanto no segundo, sua falta influenciou negativamente a maneira como os problemas foram abordados. Como a experiência de Mariele demonstra: “Não foi uma tarefa fácil porque eu não falava inglês. De qualquer forma, acabei me perdendo no centro da cidade de Dublin.” (MARIELE)

As descobertas do estudo, relacionadas ao capital linguístico e à solidariedade limitada entre os participantes, confirmam as descobertas de McGrath (2010) sobre a migração laboral brasileira em Gort. Ele concluiu que as experiências de acomodação e adaptação dos “migrantes” na vida familiar, profissional e comunitária são influenciadas significativamente” não apenas pelo capital social, mas também pelo capital cultural (ibid., p. 148). No entanto, este estudo descobriu que entre os participantes, a ligação entre solidariedade limitada e capital linguístico teve um impacto negativo em suas experiências de adaptação. Novamente, esta descoberta corrobora o que McGrath descobriu entre os brasileiros em Gort:

Dada a importância do capital linguístico e da comunicação como um meio de obter o melhor das fontes de capital social, uma situação paradoxal para muitos migrantes é o fato de que sua inserção em redes sociais impede ainda mais a oportunidade de desenvolver suas habilidades linguísticas. (McGRATH, 2010, p.154)

No geral, a solidariedade limitada foi mais forte no âmbito familiar do que no comunitário. Uma possível explicação seria o aumento da população brasileira na Irlanda e de estudantes entre essa população. De acordo com o Censo Irlandês de 2011 e 2016, a população brasileira era de 8.704 e 13.640, respectivamente. Destes, os estudantes representavam 26,07% (2.270), depois 30,84% (4.207). Além disso, desde 2006, a população brasileira mais que triplicou de tamanho. Também houve uma superconcentração de cidadãos brasileiros em Dublin - o local de pesquisa deste estudo - em comparação com outras regiões da Irlanda.

Os dados mais recentes do CSO (Censo Irlandês) mostram que 72% do total da população brasileira vivia em cidades e subúrbios. Destes, 65,27% viviam no Condado de Dublin, ou seja, South Dublin, Fingal e Dun Laoghaire (CSO, 2016c). Isso representa a maior concentração de todas as nacionalidades perfiladas. McGrath (2010) encontrou resultados semelhantes entre os brasileiros que vivem em Gort. As pessoas entrevistadas por ele alegaram que a chegada de mais compatriotas ao longo do tempo havia corroído o senso inicial de obrigação para com os outros, onde as pessoas se conheciam mais pessoalmente e se envolviam umas com as outras com mais frequência (ibid.: 159). O aumento populacional pode afetar não apenas a solidariedade limitada entre migrantes, como discutido acima, mas também pode corroer transações de reciprocidade, como a troca de informações, favores e aprovação.

4.3 Transações em que favores, informações e aprovação foram dados e recebidos

Diversas situações caracterizadas como transações de reciprocidade emergiram das informações coletadas durante as entrevistas. As situações estavam relacionadas à informação, ao favor e à aprovação. As transações relativas às informações variaram, incluindo informações sobre empregos, moradia, lojas e restaurantes brasileiros; serviços de transferência de dinheiro, escolas, lazer, destinos de férias; imigração, bancos, PPS e repartições fiscais. Os favores variaram, incluindo encaminhamento para empregos, distribuição de currículos, empréstimo de dinheiro, acomodação, ajuda com problemas de idioma, levar amigos para escritórios de imigração, bancos, PPS e repartições fiscais.

A aprovação foi o tipo de transação de reciprocidade menos mencionado, incluindo encaminhamento para empregos e para compartilhamento de moradia. As situações mais citadas relacionadas às transações de reciprocidade para ambos os grupos foram: informação e encaminhamento para empregos, imigração, banco e PPS e burocracia fiscal. Não é surpreendente que as transações de reciprocidade tenham aparecido em vários contextos entre os entrevistados da pesquisa. Portes (1998) afirma que, entre comunidades migrantes, isto se refere a qualquer informação, favor ou aprovação dada ou recebida sem nenhuma expectativa de retribuição por parte do beneficiário. Nessas várias situações, a compensação ao doador pode vir diretamente do grupo na forma de status, honra ou aprovação.

Embora estas transações de reciprocidade não variem consoante o gênero e a idade, há elementos que apontam para diferenças baseadas em laços sociais, nível de proficiência em inglês e duração da estadia na imigração. Para os imigrantes que tinham laços sociais anteriores, era mais fácil do que para os que não tinham acesso às informações gerais importantes, aos favores e à aprovação, pelo menos no início da sua vida em Dublin. No entanto, esta vantagem inicial mudou à medida que aqueles sem laços sociais anteriores começaram a construir as suas próprias redes. Isso pode ser percebido no relato do participante **Danilo**:

Meu primeiro emprego na Irlanda foi como porteiro de cozinha, mas o salário era pequeno e as condições de trabalho eram horríveis... Nunca deixei de procurar uma oportunidade melhor. Depois de um tempo consegui outro emprego...naquela época um amigo meu estava procurando emprego. Conversei com meu ex-patrão sobre ele e marcamos uma reunião. Através da minha indicação, meu amigo conseguiu o emprego. (DANILO)

Uma situação semelhante foi relatada por **Paulo**, 30 anos de idade, que demonstrou a importância dos laços sociais no encaminhamento de oportunidades de emprego:

Meu segundo emprego na Irlanda foi recomendado por um colega de classe. Ele me indicou a empresa que ele trabalhava [...] meu trabalho atual também foi por recomendação do irmão do meu melhor amigo. Todos os meus trabalhos foram através de recomendações de amigos. Essas recomendações foram atitudes positivas dessas pessoas. Claro que quando você consegue um emprego por recomendação, você tem que ter muito cuidado com as expectativas, e, também, manter determinado comportamento, porque é o nome da pessoa que te indicou que está em jogo. No fundo não acho legal, prefiro entrar de forma independente nessas vagas porque quando as pessoas te sugerem, às vezes, você tem que seguir duas regras: a regra da empresa e, também, as regras de quem te indicou. (PAULO)

Os dois relatos ilustram que os laços sociais têm um aspecto positivo. Para os alunos imersos em redes, foi mais fácil acessar ativos importantes, como informações para empregos. Este ponto confirma a definição de capital social de Bourdieu: 'O agregado dos recursos reais ou potenciais que estão ligados às posses de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, no entanto, não são um dado natural, devem ser construídas.' através de estratégias de investimento orientadas para a institucionalização das relações de grupo, utilizáveis como fonte confiável de outros benefícios (BOURDIEU, 1985, p.248). Isto reflete o que os entrevistados deste estudo tiveram que passar; ou seja, tiveram de construir relações sociais para obter ou aceder a recursos de capital social em Dublin.

Por outro lado, os dois relatos também ilustram o aspecto negativo da solidariedade limitada, uma vez que aqueles que foram encaminhados para empregos, mediante recomendação, sentiram que tinham de se comportar de determinadas maneiras para preservar a reputação de quem os recomendou. O desejo de não decepcionar foi resumido por **Paulo** na citação abaixo:

Nunca tive muitos problemas em indicar meus amigos em meus locais de trabalho. No entanto, evitei indicar meus amigos no passado. A principal razão é porque sou gay e a maioria dos meus amigos também é gay. Tenho dois empregos e às vezes meus amigos me pedem para sugeri-los. Para um dos meus trabalhos, não vejo

nenhum problema em indicá-los porque é um ambiente favorável aos gays. Porém, no meu segundo emprego, não os sugiro porque é um ambiente muito pesado para gays. Não quero que essa pessoa se machuque, e, também, é um trabalho muito difícil, ela pode não estar à altura e acabar mexendo com a minha reputação. E nesse sentido eu não teria mais condições de indicar pessoas. Por isso sempre analiso o tipo de pessoa e ambiente de trabalho antes de fazer uma indicação. (PAULO)

O desejo de aprovação surgiu não só em relação às indicações de emprego, mas também no compartilhamento de casa. A maioria dos participantes mencionou situações em que eles ou os seus amigos foram rejeitados para compartilhar a casa. Alguns deles mencionaram ter visto anúncios no *Daft* para compartilhamento de casa, afirmando “nenhum brasileiro precisa se inscrever”, “nenhum estudante precisa se inscrever” ou “apenas pessoas com inglês fluente, por favor”. Isso levanta a questão da integração/aceitação de brasileiros, estudantes, ou mesmo qualquer estudante estrangeiro que não fale inglês, na sociedade irlandesa.

Sheringham (2009) descobriu que a maioria dos entrevistados não tinha amigos irlandeses com quem socializassem, mas tinham muitos conhecidos através do trabalho ou de atividades do dia a dia. Alesina e La Ferrara (2000) argumentam que comunidades mais homogêneas apresentam maior nível de interação, levando a formação de mais capital social. Neste sentido, a heterogeneidade pode ser um problema para os imigrantes no que diz respeito ao desenvolvimento ou intercâmbio destes recursos. Finalmente, Putnam (2007) sugere que as pessoas que vivem em locais etnicamente diversos parecem gerar isolamento social e anonimato. No entanto, este estudo não investigou exatamente quem se recusava a compartilhar acomodação com cidadãos brasileiros.

A maioria dos entrevistados mencionou situações ao nível do agregado familiar. Eles conheciam o destinatário da informação, do favor ou da recomendação. A este respeito, entre os participantes, as transações de reciprocidade eram mais prováveis de acontecer ao nível do agregado familiar do que ao nível da comunidade. Por outro lado, as transações de reciprocidade também apareceram entre estranhos ao nível do agregado familiar. Na citação a seguir, **Tadeu** mostra esse ponto:

Na semana passada, dois coreanos, recém-chegados a Dublin, mudaram-se para minha casa e precisavam obter o PPS. Eu não apenas lhes disse o que deveriam fazer,

mas também fui com eles. Tenho outros exemplos. Já fiz favores para amigos buscarem pessoas no aeroporto, e, também, informações para amigos como ir a hospitais também. (TADEU)

Alguns entrevistados também mencionaram ter ajudado pessoas de fora do seu círculo de convivência, que não conheciam, com informações e favores, especialmente em ambientes escolares. O relato de **Caio** destaca esse tema:

Da mesma forma, fui ajudado na Irlanda com informações ou favores de amigos, já ajudei diversas pessoas na escola, pessoas que não conheço, dando dicas de como conseguir o visto, o número do PPS etc. (CAIO)

Quando foi perguntado aos participantes quem mais os ajudou nas transações de reciprocidade, ou seja, brasileiros ou pessoas de outras nacionalidades, a maioria afirmou que a ajuda veio mais de brasileiros. Não é surpreendente que as transações de reciprocidade tenham sido fortes entre os participantes se considerarmos que a imigração tem um impacto extremamente perturbador que requer um apoio social particular para os imigrantes à medida que tentam adaptar-se e ajustar-se a novos contextos sociais (HERNANDEZ-PLAZA et al., 2006). A troca de informações, favores e aprovação entre os entrevistados mostrou-se fundamental no seu processo de adaptação na Irlanda e negociação de capital social.

4.4 Situações em que desejos pessoais estavam subordinados às expectativas coletivas

A maioria dos entrevistados afirmou ter vivenciado situações em que subordinou seus desejos ou vontades em favor das expectativas do grupo. A maior parte das situações mencionadas ocorreu envolvendo o agregado familiar. Foram situações relacionadas, principalmente, com problemas de compartilhamento de moradia. As questões dessa situação variaram, incluindo limpeza da casa, compartilhamento de alimentos, culinária, uso de banheiros, compartilhamento de energia, internet e contas de TV. A confiança obrigatória era mais forte entre aqueles que partilhavam casas com muitas pessoas. O relato de **Danilo**, abaixo, demonstra isso:

Quando comecei a morar na minha primeira casa, meus colegas de apartamento decidiram colocar TV a cabo e internet mesmo eu discordando. Acabei sucumbindo porque foi uma decisão conjunta. Não gosto de TV,

nem no Brasil, mas não tenho escolha e pago a conta. Hoje não tenho esse problema porque moro com minha namorada no nosso apartamento. É claro que às vezes entramos em conflito, mas isso não é nada comparado com os problemas que enfrentei quando convivi com outras pessoas. Por exemplo, antes de comprar este apartamento, eu morava com italianos. Tive muitos problemas com festas. Eles costumavam trazer seus amigos para nossa casa o tempo todo. Eu não pude dormir. [...]. Tive que me adaptar àquela casa e situação, mesmo não gostando das festas e da bagunça. Mas na primeira oportunidade aluguei meu apartamento. (DANILO)

Outro relato, o de **Tiago**, solteiro, 24 anos de idade, expressa uma experiência semelhante à de Danilo:

Aqui na Irlanda, quando você mora com outras pessoas, você tem que seguir as regras. Por exemplo, na minha primeira casa estipularam a regra de tomar banho apenas à noite. Gosto de tomar banho de manhã, mas tive que me adaptar a essa regra. Minha namorada e eu tivemos problemas em nossa primeira casa com relação à limpeza da casa. Na nossa semana a gente limpava muito bem a casa, mas quando chegava a vez dos outros colegas de apartamento eles não limpavam e quando faziam era mal feito. (TIAGO)

Nestes dois relatos, os desejos pessoais de ambos os entrevistados estavam subordinados às expectativas do grupo, ou seja, dos colegas de casa. Apesar de não gostarem das regras ou do comportamento dos colegas de apartamento, acabaram cumprindo. As conclusões confirmam os argumentos de McGrath (2010, p.150) de que “a confiança obrigatória ocorre quando os indivíduos cumprem as expectativas do grupo para que possam beneficiar de uma boa reputação” e que manter uma boa reputação é importante para manter normas mais amplas e obter quaisquer benefícios como resultado.

A análise mostra que eles cumpriram os desejos dos seus colegas de apartamento de manterem uma boa reputação e normas mais amplas apenas dentro de casa, porque não obtiveram qualquer benefício, como McGrath (2010) argumentou acima. Pelo contrário, todos tiveram de se mudar após alguns meses de compartilhamento de casa. Isto demonstra o lado negativo da confiança obrigatória, pois, embora cumprissem as expectativas do grupo, não conseguiram suportar o stress e acabaram por ter de se mudar.

Nossas constatações indicam que a confiança obrigatória está intimamente relacionada às necessidades pessoais. Eles obedeceram porque não tinham escolha. Porém, com o passar do tempo, e eles se tornando mais confiantes e independentes, puderam se posicionar contra as regras. Esse ponto é bem descrito por **Paulo**:

Estas situações são bastante comuns porque quando chegamos a Irlanda tudo era diferente. Como resultado, precisávamos de alguém com quem pudéssemos fazer política. Mas depois de um período aqui, conseguimos um pouco mais de poder e independência. Hoje divido uma casa de dois quartos com apenas uma pessoa. Eu tenho meu quarto. [...]. Morando em casa coletiva tudo fica mais difícil de negociar. Veja, por exemplo, a internet e a TV a cabo. Se duas pessoas querem e as outras não usam, no final das contas todos acabam pagando porque o coletivo decidiu. É muito mais difícil negociar sua posição quando você está em um grupo grande de pessoas. Então, quando chegamos na Irlanda, sempre passamos por isso, pessoas atendendo aos desejos dos outros ou do grupo. (PAULO)

Quando questionados sobre se era mais fácil fazer amizade com brasileiros ou com pessoas de outras nacionalidades, a maioria respondeu “com brasileiros”, principalmente por causa do capital linguístico e das semelhanças culturais. Entre os participantes, as situações de confiança obrigatória não variaram por sexo e idade. Não houve constatação de diferenças entre aqueles com vínculos sociais anteriores e aqueles sem vínculos sociais anteriores. No entanto, houve constatação de diferenças de acordo com o tempo de permanência na Irlanda. Já para aqueles que moravam em quarto ou apartamento, havia menos subordinação dos desejos pessoais, como demonstra a fala de Paulo, acima citado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou explorar o desenvolvimento e as práticas de capital social entre estudantes de língua brasileira em Dublin, Irlanda. As nossas interpretações basearam-se nas fontes de capital social de Portes e Sensenbrenner (1993); introjeções de valor, solidariedade limitada, transações de reciprocidade e confiança obrigatória. No entanto, eles também constituem uma contribuição original para os estudos neste campo, concentrando-se nos estudos de caso, frequentemente escassos, de imigrantes brasileiros na Irlanda.

Vários temas emergiram dos dados relacionados às introjeções de valor. A análise mostrou que essas introjeções de valores não variavam de acordo com o sexo e a idade, nem havia constatações que informassem diferenças entre imigrantes brasileiros com ou sem laços sociais anteriores, ou em relação aos diferentes períodos de permanência na Irlanda. Contudo, as informações levantadas sugerem a hipótese de que as introjeções de valor são mais prováveis de acontecer no ambiente do grupo familiar do que no ambiente mais amplo do grupo comunitário. As situações no nível domiciliar eram intermediadas pelas relações sociais, pois os doadores, colaboradores conheciam os beneficiários .

No que tange às questões inerentes à solidariedade limitada, a análise demonstrou que não variaram por gênero e idade. No entanto, variaram de acordo com a duração da estadia, e a solidariedade limitada parece mais provável de acontecer no âmbito do grupo familiar do que no ambiente mais amplo da comunidade. Há, também, constatações que sugerem que a solidariedade limitada varia de acordo com os laços sociais e o nível de proficiência em inglês. Para os imigrantes com vínculos sociais anteriores, os problemas iniciais e os problemas do dia a dia foram atenuados. Entre aqueles sem vínculos sociais anteriores e com baixos níveis de proficiência em inglês, surgiram duas situações ou dois grupos: os que resolveram eles próprios os problemas iniciais e do dia a dia, e aqueles que se reuniram com outros em ambientes diferentes, mas confrontados com adversidades comuns, para resolver seus problemas iniciais. A solidariedade limitada nos ambientes escolares para os brasileiros sem vínculos sociais anteriores e com baixos níveis de proficiência em inglês era forte e vital. No geral, a solidariedade limitada foi mais forte no âmbito do grupo familiar do que no âmbito da comunidade entre os participantes.

Em relação às transações de reciprocidade, surgiram diversas situações relacionadas a informações, favores e aprovação. Essas transações de reciprocidade não variaram de acordo com o sexo e a idade. No entanto, havia constatações que apoiavam diferenças entre laços sociais, nível de proficiência em inglês e tempo de permanência na imigração. Para os que tinham laços sociais anteriores, era mais fácil do que para aqueles que não tinham acesso a informações gerais importantes, favores e aprovação, pelo menos na sua chegada a Dublin. O sentimento de aprovação emergiu não só em situações relacionadas com a indicação de emprego, mas, também, relacionadas ao compartilhamento moradia/casa. As transações de reciprocidade eram mais prováveis de acontecer no âmbito do grupo familiar do que no âmbito da comunidade.

No que diz respeito à confiança obrigatória, a maioria dos entrevistados afirmou ter vivenciado situações em que subordinou seus desejos ou vontades às expectativas do grupo. As situações mencionadas situaram-se no

âmbito do grupo familiar, sobretudo relacionadas com o compartilhamento da casa. As situações variaram, desde limpeza da casa, compartilhamento de alimentos, culinária, uso de banheiros e compartilhamento de energia até contas de internet e TV. A confiança obrigatória foi mais forte entre os que partilhavam casas com muitas pessoas, mas não variou consoante o gênero e a idade. Não houve constatações de diferenças entre aqueles com ou sem vínculos sociais anteriores, ou diferentes períodos de permanência na Irlanda.

Além disso, a análise sugere que o apoio necessário para o desenvolvimento e práticas de recursos de capital social entre a maioria dos estudantes brasileiros em Dublin vêm, principalmente, de relações não familiares e da própria comunidade brasileira, uma vez que muitos migraram sozinhos. Contudo, não se pode ignorar que uma minoria recorre ao apoio de familiares que já vivem na Irlanda.

NOTA

¹ Na Irlanda, o PPS é um documento de identificação pessoal. É um documento equivalente ao Cadastro de Pessoa Física (CPF) no Brasil. (Nota do tradutor/editor)

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Professor Daniel Faas (Trinity College Dublin), meu supervisor principal, por seu apoio, incentivo e orientação durante todo o meu programa de mestrado em Raça, Etnia e Conflito, no qual este artigo se baseia. Por fim, devo um agradecimento muito especial aos participantes brasileiros que compartilharam comigo suas experiências de migração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALESINA, A.; LA FERRARA, E. Participation in Heterogeneous Communities. **The Quarterly Journal of Economics**, 2000, 115/3, pp. 847-904.
- BOURDIEU, P. The Forms of Capital. In. RICHARDSON, J.G. (eds.). **The Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Greenwood: New York. Pp. 15-29, 1985.
- CAWLEY, M. Labour and education-related migration in the age of globalisation: new links between Brazil and Ireland. **Espaço Aberto**, 2018, 8(2), pp.37-56.
- CHEONG, P. H. Communication Contexts, Social Cohesion and Social Capital Building among Hispanic Immigrants' Families. **Community, Work & Family**, 2006, 9/3, pp. 367-387.

- CSO [CENTRAL STATISTICS OFFICE]. **Census 2002**. Available online at <https://www.cso.ie/en/census/2002censusreports/>.
- CSO [CENTRAL STATISTICS OFFICE]. **Census 2006**. Available online at <https://www.cso.ie/en/census/census2006reports/>.
- CSO [CENTRAL STATISTICS OFFICE]. **Census 2011**. Available online at <https://www.cso.ie/en/census/census2011reports/>.
- CSO [Central Statistics Office]. **Census 2016a**. Available online at <https://www.cso.ie/en/census/census2016reports/>.
- CSO [CENTRAL STATISTICS OFFICE]. **Census 2016 – Non-Irish Nationalities Living in Ireland-Chapter: Brazilian, 2016b**. Available at <https://www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-cpnin/cpnin/brazilian/>
- CSO [CENTRAL STATISTICS OFFICE]. **Census 2016 – Non-Irish Nationalities Living in Ireland – Chapter: Brazilian, 2016c**. Available at <https://www.cso.ie/en/releasesandpublications/ep/p-cpnin/cpnin/brazilian/>.
- DALSIN, K. **Why Did You Move to Ireland? Migration of Rich Immigrants**. Palgrave Macmillan: New York. Pp. 163-178, 2016.
- DE FARIAS, N. A. **Negotiating Social Capital: An Analysis of the Experiences of Brazilian Language Students in Dublin** (MPhil Dissertation, Trinity College Dublin, School of Social Sciences and Philosophy). 2012. Available online at DOI: <https://tcd.academia.edu/NiveltonAlvesdeFarias>
- DE HAAS, H. The Internal Dynamics of Migration Processes: A Theoretical Inquiry. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 2010, 36 (10), pp.1587-1617.
- GARIP, F. Social Capital and Migration: How Do Similar Resources Lead to Divergent Outcomes? **Demography**, 2008, 45/3, pp. 591-617.
- GILMARTIN, M.; ROJAS COPPARI, P.; PHELAN, D. **International Student Migration to Ireland**. Working paper. NIRSA - National Institute for Regional and Spatial Analysis, Maynooth University. 2016.
- GRAEFF, P. Social Capital: The Dark Side. In. CASTIGLIONE, D.; DETH, J. W.; GUGLIELMO. **The Handbook of Social Capital**. Oxford University Press: Oxford. Pp.143-161. 2009.
- HEALY, C. Carnival do Galway: the Brazilian Community in Gort, 1999-2006, **Irish Migration Studies in Latin America**, 2006, 4 (3), pp.150-153.
- HERNANDEZ-PLAZA, S.; ALONSO-MORILLEJO, E.; POZO-MUNOZ, C. Social Support Interventions in Migrant Populations. **British Journal of Social Work**, 2006, 36, pp. 1151-1169.

- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION [IOM]. **Research Report:** Assessment of Brazilian migration patterns and assisted voluntary return programme from selected European member states to Brazil. 2009. Available at http://ibz.be/download/newsletter/English_Brazil_Research_report.pdf.
- KHAWAJA, N. G.; STALLMAN, H. M. Understanding the Coping Strategies of International Students: A Qualitative Approach. **Australia Journal of Guidance & Counselling**, 2011, 21/2, pp. 203-224.
- LEAL F. C. **Cross-Cultural Adaptation:** A Case Study of Brazilians Working in the Meat-Processing Sector in Ireland. Unpublished MA Thesis. Dublin City University: Dublin, Ireland. 2004.
- LEWICKI, R. J.; BRINSFIELD, C. T. Trust, Distrust and Building Social Capital, In: BARTKUS, Viva Ona and Davis James H. (eds.) **Social Capital: Reaching Out, Reaching** Edward Elgar Publishing Ltd: Cheltenham. Pp. 275-303. 2009.
- MAHER, G. A Transnational Migrant Circuit: Remittances from Ireland to Brazil. **Irish Geography**, 2010, 43 (2), pp.177-199.
- MAHER, G. Transnational Religions: The Brazilians in Ireland. **Irish Migration Studies in Latin America**, 2011, 7 (4).
- MAHER, G.; CAWLEY, M. Social Networks and Labour Market Access Among Brazilian Migrants in Ireland. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 2015, 41 (14), pp. 2336-2356.
- MARGER, M. N. The Use of Social and Human Capital among Canadian Business Immigrants. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 2001, 27/3, pp. 439-453.
- MARROW, H. B. In Ireland 'Latin Americans Are Kind of Cool: Evaluating a National Context of Reception with a Transnational Lens'. **Ethnicities**, 2012, 13 (5), pp. 645-666.
- MCGRATH, B.; MURRAY, F. Brazilian migrants in Ireland: emergent themes from research and practice on the significance of social networks and social capital. **Translocations: Migration and Social Change**, 2009, 5(1), pp.1-20.
- McGRATH, B. Social Capital in Community, Family and Work Lives of Brazilian Migrant Parents in Ireland. **Community, Work & Family**, 2010, 13/2, pp. 147-165.
- McGRATH, B.; MURRAY, F. Brazilian Migrant Social Networks and Social Capital, In: FANNING, B.; MUNCK, R. (eds.) **Globalization, Migration and Social Transformation: Ireland in Europe and the World**. Ashgate Publishing Limited: Farnham. Pp. 183-192. 2011.

- McKEOWN, A. Travelling Tales: Stories of a Yellow Town and the Brazilians in Gort. **Irish Migration Studies in Latin America**, 2015, 8 (4), pp. 85-97.
- PAN, D. Student Visas, Undocumented Labour, and the Boundaries of Legality: Chinese Migration and English as a Foreign Language Education in the Republic of Ireland. **Social Anthropology**, 2011, 19 (3), pp.268-287.
- PORTES, A.; SENSENBRENNER, J. Embeddedness and Immigration: Notes on the Social Determinants of Economic Action. **American Journal of Sociology**, 1993, 98/6, pp. 1320-1350.
- PORTES, A. Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. **Annual Review of Sociology**, 1998, 24, pp. 1-24.
- PUTNAM, R. D. E Pluribus Unum: Diversity and Community in the Twenty-First Century. **Scandinavian Political Studies**, 2007, 30/2, pp. 137-74.
- REYNOLDS, T. Caribbean Families, Social Capital and Young People's Diasporic Identities. **Ethnic and Racial Studies**, 2006, 29 (6), pp.1087-1103.
- SANCHEZ-AYALA, L. Interviewing Techniques for Migrant Minority Groups'. In. VARGAS-SILVA, C. (ed.). **Handbook of Research Methods in Migration**. Edward Elgar Press: Cheltenham. pp. 117-136. 2012.
- SHERINGHAM, O. Ethnic Identity and Integration Among Brazilian in Gort, Ireland. **Irish Migration Studies in Latin America**, 2009, 7/1, pp. 93-104.
- SHERINGHAM, O. A Transnational Space? Transnational Practices, Place-Based Identity and the Making of 'Home' Among Brazilians in Gort, Ireland. **Portuguese Studies**, 2010, 26 (1), pp. 60-78.
- SHERINGHAM, O. **Transnational Religious Space: Faith and the Brazilian Migration Experience**. Palgrave Macmillan: Basingstoke. 2013.
- WANG, Y. Y.; KING-O'RIAIN, R. **Chinese students in Ireland**. Department of Sociology, National University of Ireland, Maynooth for the National Consultative Committee on Racism and Interculturalism (NCCRI)'s Community Profiles Series Project commissioned and funded by the National Consultative Committee on Racism and Interculturalism (NCCRI). 2006.
- YIN, R.K. **Case study research: Design and methods** (Vol. 5). Sage. 2009.
- ZADEH, B. S.; AHMAD, N. Social Capital and Migrant. **European Journal of Social Sciences**, 2009, 10/4, pp. 641-648.

RESUMO

O artigo explora o desenvolvimento e as práticas de recursos de capital social entre estudantes brasileiros em Dublin, usando o conceito de capital social como estrutura de análise. O artigo baseia-se no quadro teórico do capital social desenvolvido por Portes e Sensenbrenner (1993), que ajuda a explicar quatro fontes de capital social, nomeadamente: introjeções de valor, solidariedade limitada, transações de reciprocidade e confiança executória. As evidências apresentadas a seguir emergem de treze entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes brasileiros residentes em Dublin. Este estudo qualitativo utilizou uma metodologia de estudo de caso (YIN, 2009). Vários temas relacionados com introjeções de valor, solidariedade limitada, transações de reciprocidade e confiança obrigatória emergiram dos dados. Estes temas não variaram por gênero ou idade, no entanto, eram mais prováveis de ocorrer ao nível do agregado familiar do que ao nível da comunidade. As transações de reciprocidade e a solidariedade limitada variaram de acordo com os laços sociais, o nível de inglês e o tempo de permanência. No entanto, havia poucas evidências para apoiar a ideia de que as introjeções de valor e a confiança aplicável variavam de acordo com os laços sociais ou o tempo de permanência. Este artigo oferece contribuições empíricas e teóricas originais para o campo dos estudos de capital social no contexto da migração internacional de estudantes.

Palavras-chave: Migração Estudantil Brasileira; Irlanda; Recursos de Capital Social; Transações de Reciprocidade; Confiança Executável

ABSTRACT

The paper explores the development and practices of social capital resources among Brazilian students in Dublin, using the concept of social capital as a framework for analysis. The paper draws on the social capital framework developed by Portes and Sensenbrenner (1993), which helps explain four social capital sources, namely: value introjections, bounded solidarity, reciprocity transactions, and enforceable trust. The evidence presented below emerges from thirteen semi-structured interviews conducted with Brazilian students living in Dublin. This qualitative study used a case study methodology (YIN, 2009). Several themes related to value introjections, bounded solidarity, reciprocity transactions, and enforceable trust emerged from the data. These themes did not vary by gender or age, however, they were more likely to occur at the household level than the community level. Reciprocity transactions and bounded solidarity varied according to social ties, level of English, and length of stay. However, there was little evidence to support the idea that value introjections and enforceable trust varied by social ties or length of stay. This article offers both original empirical and theoretical contributions to the field of social capital studies in the context of international student migration.

Keywords: Brazilian Student Migration; Ireland; Social Capital Resources; Reciprocity Transactions; Enforceable Trust.